

OS SENTIDOS DA
MEDIÇÃO NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO
DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS

Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador

Editora Executiva

Prof.ª. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP

Prof.ª. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP

Prof.ª. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp

Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc

Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp

Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR

Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC

Prof.ª. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp

Prof.ª. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas

Prof.ª. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp

Prof.ª. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS

Prof.ª. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS

Prof.ª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI

Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp

Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR

Prof.ª. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário

Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada

Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro

Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof.ª. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada

Prof.ª. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho

Prof.ª. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján

Prof.ª. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata

Prof.ª. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Adriana Regina Sanceverino

OS SENTIDOS DA
MEDIAÇÃO NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO
DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS



MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sanceverino, Adriana Regina

Os sentidos da mediação na prática pedagógica da educação de pessoas jovens e adultas / Adriana Regina Sanceverino. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2019. – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-552-3

1. Didática 2. Educação de Jovens e Adultos 3. Mediação 4. Pedagogia 5. Prática de ensino 6. Professores – Formação I. Título. II. Série.

19-23876

CDD-374.007

Índices para catálogo sistemático:

1. Formação de professores :

Educação de jovens e adultos 374.007

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão: Raymi Link
revisão final da autora
bibliotecária: Maria Paula C. Riyuzo – CRB-8/7639

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Um ser humano completo possui a força do pensamento,
a força da vontade e a força do coração. A força do
pensamento é a luz do conhecimento; a força da vontade
é a energia do caráter; a força do coração é o amor.*

Ludwig Feurbach

*Aos/As filhos/as pela lei da hierarquia:
O que veio primeiro, Tomaz (in memoriam), a Barbara
e a Marina, a vocês dedico esse livro.*

*Sinto a vida como uma incansável busca rumo aos
homens e mulheres completos(as), porém, inatingíveis
se pensados(as) como seres prefixados em suas
constituições, mas alcançáveis, se o alvo for seus tempos
históricos. Desejo sempre continuar minha trajetória em
busca do conhecimento (a força do pensamento) e nessa
direção, procurando não esmorecer, encontrar pessoas
que inspirem meus compromissos e me permitam crescer
na perspectiva que abracei (a força da vontade). E assim
prossigo a caminhada, sempre desejando nela encontrar
destemidos homens e mulheres na incansável luta pelos
valores que defendem. Quanto à força do coração, já o
alcancei: é o amor que sinto por vocês, que na contínua
roda da vida suscitam-me novas formas enunciar, de
historicizar os matizes de meu pensamento, da minha
força de vontade, de meu coração.*

Beto, a você e ao principal fruto de nosso amor, aquele que está entre nós, em nossos corações, pela ordem do amor e do pertencimento eu dedico este livro.

Pelas nossas trajetórias de vida, muitos aprendizados, eterna gratidão. Vale lembrar que você também fez parte dessa obra se considerarmos que minha caminhada na vida acadêmica iniciou na década de 80, com você. Outrora, nossos destinos foram interrompidos pelos desígnios da vida, mas estes geraram muitos frutos e, o mais importante, está entre nós e permanecerá para sempre, em nossos corações, não importa nossos destinos. Depois de décadas de longas passagens por mares nunca dantes navegados, entre eles a conclusão de minha graduação, especialização, mestrado e doutorado, nos reencontramos e, agora, concluindo meu pós-doutorado, mais um fruto entre tantos das minhas produções acadêmicas e outras que virão. E pela grandeza do amor retomo a um belo poema do primeiro livro de poesias que li quando garotinha, do filósofo poeta libanês Kalil Gibran:

O Profeta

*Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão
Que haja antes um mar ondulante entre as praias de vossas almas.
Encheis a taça um do outro, mas não bebais na mesma taça.
Dai de vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço.
Cantai e dançai juntos, e sede alegres, mas deixai cada um de vos estar sozinho,
Assim como as cordas da lira são separadas e, no entanto,
vibram na mesma harmonia.*

*Dai vossos corações, mas não confieis a guarda um do outro.
Pois somente a mão da vida pode conter nossos corações.
E vivei juntos, mas não vos aconchegueis em demasia;
Pois as colunas do templo erguem-se separadamente,
E o carvalho e o cipreste não crescem a sombra um do outro.*

AGRADECIMENTOS

À ancestralidade. Aos meus pais, Delma e Alécio (in memorian), minhas raízes que, mesmo sem entender dos saberes mediadores das práticas pedagógicas, construíram outros saberes advindos de suas experiências de vida, que hoje eu trago como legado, grandes contribuições para minha formação e trajetórias pessoal e profissional. Entre esses saberes, desde sempre me dizer o quanto é importante estudar e caminhar com os próprios pés. À amiga Dione pelo incontinente apoio no limiar e no umbral dos momentos de exaustão. A todos e todas, pelo incontinente apoio durante os difíceis momentos de travessias dessa caminhada, eterna gratidão. À Maria Elisa, da Editora Mercado de Letras, pelo apoio irrestrito à concepção do livro. A todos(as) professores(as) e alunos(as) da Educação de Pessoas Jovens e Adultas que não se rendem às dificuldades, às tensões, aos medos, às críticas, aos posicionamentos, às conquistas. Este trabalho só existe porque uma parcela desses(as) educadores(as), educandos(as) assumiram o seu discurso, o seu ponto de vista, a sua palavra. A eles e a elas este livro é dedicado.

“A gratidão é o coração da memória.”

(Ditado francês)



Van Gogh

Cada vez que tentei fazer um trabalho teórico, foi sempre a partir de elementos de minha própria experiência: sempre em relação com processos que eu via se desenvolver em volta de mim. Certamente porque eu acreditava reconhecer nas coisas que eu via, nas instituições com as quais lidava, nas minhas relações com os outros, rachaduras, sacudidelas surdas, disfuncionamentos, eu empreendia um tal trabalho, algum fragmento de autobiografia. (Foucault 1981, p. 21)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
<i>Lourival José Martins Filho</i>	
PREFÁCIO	17
<i>Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin</i>	
INTRODUÇÃO	23
capítulo 1	
OS CAMINHOS DA PESQUISA	33
<i>Origem da pesquisa – justificativa e relevância</i>	33
<i>O problema e os objetivos da pesquisa</i>	36
<i>Orientações metodológicas</i>	38
capítulo 2	
EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS	61
<i>A EJA no contexto da educação brasileira</i>	62
<i>A EJA sob a perspectiva das mediações pedagógicas</i>	85
<i>Outros materiais publicados</i>	96
<i>Aproximações com a Minha Pesquisa</i>	100
<i>Aproximações com a Minha Pesquisa</i>	104
<i>Levantamento dos Trabalhos na EJA – em Foco a Mediação</i> ..	108
<i>Aproximações com a Minha Pesquisa</i>	118

capítulo 3

OS SENTIDOS DA MEDIAÇÃO	123
<i>A multidimensionalidade conceitual das mediações:</i> <i>bases teóricas e os pressupostos metodológicos</i>	123

capítulo 4

ONDE AS MEDIAÇÕES QUE FUNDAMENTAM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ACONTECEM: O NÚCLEO DA EJA	173
<i>No cenário da pesquisa os(as) professores(as), agentes das mediações, suas configurações</i>	179
<i>Os sentidos da mediação pedagógica na EJA – práticas construídas</i>	186
<i>Mediação: dimensão da intencionalidade dos sujeitos</i>	192
<i>Mediação: dimensão da ação pedagógica orientada.</i>	218
<i>Mediação: o exercício do diálogo como fundamento</i>	273
CONSIDERAÇÕES FINAIS	295
REFERÊNCIAS	311

APRESENTAÇÃO*

Presente! Presente!

Dezembro de 2017, um ano particularmente difícil, marcado por desafios pessoais e profissionais. Um Brasil dilacerado e uma EJA que ainda grita por seu lugar, sua plenitude. É neste clima que chega em minhas mãos o convite de Adriana para fazer a apresentação do seu livro. Não consegui aceitar apenas por uma perspectiva acadêmica, fui tomado pela emoção ao ler o e-mail e saborear cada página do livro.

Rubem Alves dizia que aquilo que a memória ama fica eterno, e ao escrever esta apresentação minhas memórias me dizem que não é a primeira vez que Adriana me oferece um presente nessa minha caminhada como ser humano e profissional de Educação.

A trajetória de Adriana, esta mulher, professora, pesquisadora, mãe, ser no mundo, marca-se também pelas pessoas que ela conquista com seu profissionalismo, alegria diante da vida e reflexão permanente.

É impossível dialogar com Adriana sem a presença de um sorriso, uma boa conversa e, sobretudo, uma pitada de questionamento, inquietação, epistemologia.

Assim como eu, Adriana é efetiva na área da Didática, mas corre em suas veias a preocupação com o fundamento, o pano de fundo, a lente que se vê, a intencionalidade da prática humana e pedagógica.

Nesse sentido, o livro *Os sentidos da mediação da prática pedagógica da Educação de pessoas jovens e adultas* é a própria Adriana dialogando na sua forma peculiar, com consistência teórica e coerência prática.

A própria vida da Adriana, tecida pela mediação humana, possibilita a escrita de um texto que, ao mesmo tempo em que é denso, é leve em sua leitura.

Constata-se um rigor científico-metodológico, mas dialógico e compreensível. Um livro que não ficará escondido a sete chaves, mas fluirá em todos os espaços e unidades de informação, nossas bibliotecas escolares e universitárias.

Merecem destaque a contextualização histórica da Educação de Jovens e Adultos, a forte discussão sobre mediação e o olhar atento às práticas pedagógicas em EJA.

Numa sociedade permeada por denúncias, preconceitos e intolerâncias, num total analfabetismo da alma, é imperioso perceber na leitura do livro que homens e mulheres, ensinantes e aprendentes, vivem e realizam práticas pedagógicas, algumas extremamente exitosas, e a grande maioria desconhecida.

Percebe-se que não é só no barulho que acontecem coisas boas em Educação. Também no silêncio, com as condições concretas que possuem, educadores e estudantes aprendem na perspectiva de ser mais, nunca apenas numa ótica do capital neoliberal.

Destaca-se ainda que, assim como eu, o leitor pode ter uma compreensão de mediação que será desconstruída, reconstruída, ou ampliada, a partir da leitura do livro de Adriana. Rubem Alves falava que somente uma pedagogia da curiosidade gera o desejo pelo saber, e é por isso que intencionalmente provoço a sua curiosidade e afirmo que é necessário mergulhar nas páginas do livro para saber mais e dialogar com Adriana sobre mediação em todas as suas dimensões.

Trata-se de um livro epistêmico, pois discute com profundidade o conceito de mediação; pedagógico, pois sinaliza possibilidades para a prática docente; e político, pois coloca a EJA como direito de todo ser humano em processo de aprendizagem.

É leitura obrigatória para todos os cursos em ciências humanas, especialmente licenciaturas, mestrados e doutorados em Educação.

No início desta apresentação, mencionei aos presentes que Adriana já me deu, pois então, estava começando a minha carreira como orientador educacional na rede municipal de ensino de Palhoça – SC. Adriana trabalhava na Secretaria Municipal de Educação. Naquela época já era uma guerreira, defendia com vigor e ardor a escola pública, gratuita, laica e de qualidade. Eu estava começando como orientador educacional e ela era uma inspiração. O gosto pela pesquisa e pelo debate já lhe acompanhava e eu aprendi muito com ela, frente aos desafios da escola de Educação Básica.

Os anos se passaram, eu me tornei professor da Udesc e ela da UFSS. É uma alegria perceber sua coerência e luta por uma educação mais humana e digna para todas as categorias geracionais. Coloca-se aí a EJA e sua inquietação permanente de pesquisa.

Talvez esta apresentação tenha fugido dos moldes tradicionais. Se assim o fiz, que bom, era esse o propósito.

É impossível ler ou apresentar Adriana de modo linear. O livro realiza o que Rubem Alves chama de coceira nas ideias. Faz pensar!

Estou certo de que é um livro impactante para quem deseja uma educação realmente digna de um povo tão especial como o nosso.

Boa leitura!

Lourival José Martins Filho

Programa de Pós-Graduação em Educação – Udesc

PREFÁCIO

Vivemos um momento histórico revestido da necessidade de diálogo, de estudos, de enfrentamentos e de mobilizações para lidar com movimentos conservadores acerca da diversidade de sujeitos, de ideias e dos direitos sociais. Particularmente, no âmbito da EJA, é fundamental, mais do que nunca, apostar na potencialidade de uma formação humana integral e de solidariedade. É com esse espírito que apresento ao leitor a obra *Os sentidos da mediação na prática pedagógica da educação de pessoas jovens e adultas*, da professora doutora Adriana Regina Sanceverino.

A obra é resultado de sua pesquisa de doutoramento em que a autora objetivou compreender a constituição de uma didática que atenda às especificidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA), levantando as seguintes questões: “Como os professores(as) desenvolvem sua prática na EJA? Quais as possibilidades de maior articulação entre os pressupostos teóricos e as práticas educativas, em se tratando de EJA?”

Nesse sentido, analisou a prática docente, caracterizada pelas mediações pedagógicas na modalidade EJA, realizada pelos(as) professores(as) para lidar com as exigências e urgências do cotidiano. Paralelo a isso, buscou sistematizar uma fundamentação teórica consistente sobre os sentidos da mediação pedagógica para a docência na EJA, tomando como base o materialismo histórico-dialético.

No primeiro capítulo, a autora apresenta os caminhos da pesquisa, sua origem, o problema, a justificativa e sua relevância e as orientações teórico-metodológicas.

Na sequência contextualiza aspectos históricos e perspectivas contemporâneas da Educação de Jovens e Adultos, além de situar a revisão de literatura tomando as mediações pedagógicas e a EJA.

Já no terceiro capítulo, são apresentados os fundamentos conceituais da multidimensionalidade das mediações e, na sequência, a autora busca o lócus da investigação – um núcleo de EJA da rede pública de Palhoça, município da Grande Florianópolis, Estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil. É nesse contexto em que junto aos diferentes agentes da mediação – professores/professoras e estudantes – é que são evidenciados e analisados os sentidos da mediação pedagógica na EJA nas práticas construídas e vivenciadas. Essas mediações são compreendidas como elementos da condição humana, as quais permitem ações pedagógicas orientadas com base no exercício do diálogo como fundamento.

Para pensar esse percurso, a professora Adriana Regina Sanceverino situa no livro de que

[...] enlaçando teoria e prática, conteúdo e forma numa relação que se constituiu na mediação entre conhecimento posto, conhecimento da realidade, interpretação articulada com o conhecimento que os(as) alunos(as) e professores(as) traziam de suas histórias, se reconhecendo como sujeitos, com suas identidades, intencionalidades, seus saberes e não como objetos dessas histórias. [...] O que vimos foi um encontro de conhecimento e saberes, resgatando o valor do senso comum, como respeito às múltiplas culturas dos(as) alunos(as) que se movimentam nas relações, construindo-se na e pela “Mediação que, revestida de intencionalidade”, valoriza, respeita e leva em conta a singularidade dos sujeitos envolvidos. “Mediação da ação pedagógica orientada” que não é uma prática neutra, é criticamente fundamentada, planejada e vem buscando uma

ruptura com o conhecimento científico como universal, como único rigor. “Mediação que tem o exercício diálogo” como prática pedagógica que aproxima os sujeitos aos objetos que eles precisam e desejam conhecer. [...] É nesse movimento didático, que tem a mediação como fundamento, que esse saber vai sendo desvelado, sua qualificação vai se dando à medida que vão construindo esse desvelamento com o rigor necessário. (p. 299)

Ainda é importante situar ao leitor de que esta obra traz contribuições importantes para o ensino, para a pesquisa e para a formação docente, uma vez que aponta para elementos de uma construção de uma identidade como estudante, assim como, dos(as) docentes de EJA, os quais se identificam com papéis e funções social historicamente construídos.

Segundo a autora, os sentidos da mediação na prática pedagógica da EJA estão inseridos num conjunto de inter-relações relacionadas: a) à formação profissional, b) à área de atuação docente, c) à trajetória pessoal, d) à políticas educacionais, e) ao contexto de atuação e f) à formação pedagógica.

Os elementos e as conclusões desvelados no estudo ora apresentado nos remetem a pensar a EJA como uma política de Estado, regulamentada como uma modalidade educacional que visa elevar os índices de escolaridade. Nesse sentido, o estudo de Adriana contribui para solidificar e ampliar o debate sobre a oferta, o funcionamento e o financiamento das condições objetivas que precisam ser garantidas pelas redes de ensino.

Deixo o convite aos leitores para se revestirem de um ato de curiosidade epistêmica e conhecerem a obra aqui apresentada, que nos traz a complexidade dessa modalidade e dos múltiplos olhares necessários na busca dos direitos objetivos e subjetivos à educação por parte da população brasileira.

Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin
Ilha de Santa Catarina (Florianópolis)



Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência.
(Freire 1996, p. 98)

INTRODUÇÃO

Na atualidade, os(as) professores(as)¹ convivem com uma série de dilemas e indagações quanto à função de ensinar.

-
1. Ao longo deste livro, utiliza-se o termo “professor” seguido da abreviação “(a)” para caracterizar o feminino deste ofício. Outras vezes utilizam-se professor e professora. Da mesma forma, para o termo aluno(a) e/ou aluno e aluna, coordenador(a) Salvo citações literais e/ou títulos de trabalhos, obras, nomes de eventos, entre outros registros escritos da literatura, que utilizam essas expressões no gênero masculino e que, portanto, serão mantidas por fidelidade à sua origem de produção. Contudo, para efeito de nossa produção e compreensão estas serão consideradas expressões que pertencem ao feminino e masculino. O ofício da docência e o papel dos(as) estudantes têm centralidade nas discussões referentes à problemática desta pesquisa, o que implica, que o uso dos termos, em muitas passagens, é frequente e precisam ficar explícitos. Não se trata de simples redundância, mas de evitar uma manifestação do uso masculino como presumível genérico de referência à professora, ao professor, ao aluno e à aluna, as funções que nos exigem equidade de gênero. Nesse sentido e consciente de que o “uso correto contribui para a equidade de gênero” (Franco e Cervera 2006, p. 5), não faremos uso sexista, excludente e discriminatório da língua na expressão escrita que, transmite, reforça as relações assimétricas, hierárquicas e não equitativas que se dão entre os sexos. Ressaltamos ainda, que no contexto da pesquisa, em que abordamos a análise de campo os referidos termos também são usados dessa forma, porém para preservar a identidade das pessoas entrevistados(as).

(N.E.) A adoção, ao longo deste livro, pela flexão de gêneros diferenciando o masculino e o feminino foi uma opção da autora, não correspondendo aos padrões editoriais da Editora.

Há uma grande e expressiva quantidade de produções e propostas educacionais apontando para a necessidade de um redimensionamento das práticas desenvolvidas nas instituições educacionais.

No entanto, o processo não é bem como alguns(mas) teóricos(as) e técnicos(as) propagam;² não basta a elaboração de propostas bem fundamentadas para mudar os paradigmas presentes na educação. Há toda uma cultura docente construída para lidar com as situações que o cotidiano suscita e que deve ser considerado. Essa constatação é corroborada por pesquisas atuais sobre a formação e a atuação docente, nas quais se destaca a função e a participação dos(as) professores(as) como fundamental.

Na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), também se tem buscado amparo em novos paradigmas teóricos e pedagógicos. Dentre eles, destacam-se as propostas baseadas num processo didático no qual o(a) professor(a) não se reduz a um(a) mero(a) repassador(a) de conhecimentos, mas a um(a) mediador(a), instigador(a) e problematizador(a). As atividades compartilhadas são enfatizadas e a avaliação é considerada não mais como uma constatação e classificação, mas sim como possibilidade de redimensionamento constante da aprendizagem e do ensino.

As questões que podem permear essas propostas e legitimar uma didática para a EJA a partir de uma práxis educativa como uma «práxis política» (Freire 1987), para que se estabeleçam os vínculos necessários no meio de um quadro cultural de problematização dentro da mesma cultura, ganham força porque essa problematização não é neutra, mas envolve homens e mulheres que produzem cultura e a tem, dialeticamente, introjetada. Dessa forma, ao problematizarem o sentido de mediação que responde

2. Refere-se, em especial, a propostas e a parâmetros curriculares oficiais, propagadas nas diversas esferas do país, federal, estadual e municipal, há alguns anos, sem garantir efeito nas práticas desenvolvidas nas instituições educacionais.

mais adequadamente à complexidade da EJA e, como tais mediações criam condições de desenvolver o pensamento crítico dos(as) estudantes e a práxis educativa nesta modalidade de ensino, buscam investigar as circunstâncias e condições necessárias para que se processem as mediações nas situações de ensino (processo de ensino) a fim de potencializar para o(a) aluno(a) a aprendizagem do conteúdo trabalhado (processo de aprendizagem).

Para tanto, a investigação permeou objetivos considerados interdependentes e fundamentais para a compreensão da constituição de uma didática que atenda às especificidades da EJA, quais sejam: Como os professores(as) desenvolvem sua prática na EJA? Quais as possibilidades de maior articulação entre os pressupostos teóricos e as práticas educativas, em se tratando de EJA? A prática docente, caracterizada pelas mediações pedagógicas na modalidade EJA, realizada pelos(as) os(as) professores(as) para lidar com as exigências e urgências do cotidiano, constitui o foco desta obra. Paralelo a isso, busca-se, ainda, sistematizar uma fundamentação teórica consistente sobre os sentidos da mediação pedagógica para a docência na EJA.

Ao longo da pesquisa, propôs-se desvelar e compreender a interdependência dos seres humanos, cuja diversidade de olhares e práticas pode compor tramas autênticas e muito resistentes – o que não significa inflexibilidade – que se complementam e inventam possibilidades antes não pensadas na mediação pedagógica em EJA.

Os(A)s intelectuais da educação, de uma maneira geral, têm realizado imensas investidas nas discussões teórico-metodológicas orientadoras da formação desses(as) profissionais. E a categoria de mediação aporta nesse debate contemporâneo, suscitada por necessidades sócio-históricas expressas nas várias abordagens educacionais, assumidas pela demanda posta aos(as) profissionais da educação.

Comecei a perceber através dos estudos, das relações de trabalho, das observações em encontros, seminários, palestras na área da educação de pessoas adultas, nas produções, nos discursos,

nas falas de autores(as) na área da Educação e da maioria dos(as) educadores(as) que, do ponto de vista teórico-metodológico, a categoria mediação foi muito divulgada, mas ainda se encontrava despida de uma fundamentação teórico-filosófica mais sólida, o que redundou em usos poucos precisos.

De uns dez anos para cá, tornou-se mais frequente o uso do termo mediação em contextos como aquele que afirma como função do(a) professor(a) ser o(a) mediador(a) da aprendizagem do(a) aluno(a). Mas raramente se faz uma pausa para refletir um pouco mais sobre o sentido concreto dessa expressão. Os saberes que giram na escola apontam para o significado de que mediar é facilitar o conhecimento – em que o(a) professor(a) veicula o conteúdo programático de forma harmônica durante o processo de ensino e aprendizagem. E, na maioria das vezes, parece que o que se pretende é relacionar a própria função do(a) professor(a) com uma tarefa de mediar a aprendizagem do(a) aluno(a). A impressão que se tem é que com isso se está querendo situar a categoria mediação exclusivamente como inerente à função docente quando, na verdade, ela, a mediação, é inerente a todos(as) – alunos(as) e professor (a) – a qualquer totalidade complexa.

Como categoria do real, constitutiva do ser social, não se pode limitar sua existência apenas a uma função social, ou seja, à função do(a) professor(a). Tampouco conceber a relação de ensino e aprendizagem como harmoniosa, pois assim se estaria impedindo que a mediação se desenvolvesse em uma perspectiva dialética. Esse paradoxo coloca em cheque, não só, a necessidade de mudança de papel que o(a) professor(a) é chamado(a) a assumir, nesse momento de aceleradas transformações sociais, em que a sociedade é chamada a repensar os processos educativos, como também a necessidade de mudança no papel do(a) aluno(a). E na EJA esse quadro se complexifica.

Assim, partindo do pressuposto de que o discurso pedagógico na EJA, no que tange a um referencial didático próprio que possa orientar os processos de ensino e aprendizagem nessa modalidade

de ensino, está, eivado de uma profunda indefinição teórica, que a divulgação das propostas metodológicas e curriculares escolares e extraescolares, cujos discursos reducionistas (expressões, enunciações e afirmações) já foram assimilados como princípios teórico-práticos e, inclusive, já se tornaram corriqueiros nessa modalidade de ensino, esta pesquisa constitui-se um esforço de apreensão do conteúdo dessas orientações e de suas interpretações realizadas pelos(as) professores(as) e, portanto, conseqüentemente, suas implicações para a prática mediadora no processo de ensino e aprendizagem da EJA.

Na minha experiência cotidiana como coordenadora e formadora de educadores(as) da EJA, bem como nos discursos em eventos de educação de pessoas adultas e em publicações na área, tenho ouvido e lido afirmações como: “A atividade pedagógica na EJA deve ter como ponto de partida a realidade desse(a) aluno(a) concreto(a) que, agente de seu próprio conhecimento, deve ser respeitado na sua cultura, individualidade e ritmos”. E mais, “o(a) professor(a) da EJA não deve ensinar, ele(a) deve fazer mediações”.

Essas afirmações proclamadas no discurso pedagógico atualmente configuram uma situação bastante problemática, em particular quanto às formas como vem se dando a sua difusão e apropriação no contexto da educação de pessoas jovens e adultas, no Brasil, como divulgadoras do pensamento de Paulo Freire. São representações por meio das quais os(as) educadores(as) da EJA compreendem a realidade e elaboram as justificativas que conferem relevância às atividades desenvolvidas junto aos(as) alunos(as) da EJA. Contudo, esses(as) educadores(as) acabam por se distanciar da própria matriz teórica que afirmam tomar como direção.

O que encontrei nesta minha trajetória como pesquisadora foi uma prática mais consciente e um respeito maior, por mim mesma, enquanto profissional da educação e pelos(as) professores e professoras, alunos e alunas, enquanto sujeitos(as) ativos(as) no processo de ensino e aprendizagem. Talvez esse seja um bom recomeço e retomada de meu processo de formação que se revelou

numa tomada de consciência de meu papel como pedagoga, orientadora educacional, formadora de professores(as), professora de universidade pública federal.

Mas o lugar de onde falo, o chão onde me localizo e que por muito tempo estive envolvida como profissional da educação, é o chão da escola pública, da educação de pessoas jovens e adultas. É uma pedagoga, educadora, formadora de professores(as) falando da didática, da prática de ensino, das mediações pedagógicas na educação de pessoas jovens e adultas.

O meu mestrado foi na área da educação, voltado à mediação na formação de professores(as). Esse se deu a partir de minha trajetória profissional na educação, em rede pública municipal, percurso que foi atravessado pela função de professora tutora, seguida de docente em Educação a Distância. A abordagem teórica de pesquisa de mestrado foi o materialismo histórico dialético e, a partir dessa experiência comecei a realizar pesquisa no âmbito da rede municipal de ensino, na coordenadoria da educação de pessoas jovens e adultas, uma vez que a minha inserção na coordenadoria pedagógica da EJA passou a redimensionar a minha preocupação com essa modalidade de ensino.

Neste aspecto, apresentam-se, em termos de práticas pedagógicas da EJA e dos sentidos mediadores que dela emana, as dimensões que surgem do próprio contexto escolar de professores e professoras de pessoas jovens e adultas que estão caminhando no cotidiano da escola pública. A partir de perguntas como: O que é fundamental para um(a) professor(a) contemporâneo(a), um(a) licenciado(a), um(a) docente de EJA? Qual é a dimensão de um(a) bom(boa) profissional da EJA? E nesse sentido responder: Qual é o sentido de mediação que corresponde mais adequadamente à complexidade da EJA? Como as mediações criam condições de desenvolver a capacidade reflexiva dos(as) estudantes e da práxis nessa modalidade de ensino?

São as pessoas que estão no contexto da EJA, na escola pública, que dialogam conosco. É a partir das gravações das observações das salas de aula, das leituras exaustivas dessas

gravações das observações e das entrevistas desse diálogo que surgem as dimensões que esta obra apresenta. Recheadas de um fundo teórico, mas também de uma trajetória, emergem de um contexto escolar, da visão de professores(as), de alunos(as) e da coordenação pedagógica. Por isso, é um exercício de compartilhar. Não se trata de discutir a EJA a partir de políticas públicas, da compreensão do contexto histórico da EJA no país, de um viés filosófico. Todas essas dimensões são fundamentais, mas é a partir do que professores(as) e alunos(as) que estão inseridos na escola dizem que nós temos que pensar com relação às práticas pedagógicas mediadoras do processo de ensino e aprendizagem na EJA.

E, assim, trago leituras iniciais que demarcaram a compreensão histórica e metodológica da categoria mediação, que tiveram como base a dialética marxista: Lefebvre, Heller, Ratner, Mészáros, Hegel, Marx, Lukács, Vygotsky, Davidov, Kopnin, entre outros(as), tangenciadas por referenciais que aproximam essa categoria com o campo da educação como: Arnoni, Almeida, Duarte, entre outros(as). No percurso, comecei uma (re)leitura mais atenta da obra de Boaventura de Sousa Santos e, sobretudo, de Paulo Freire. Meu reencontro com a *Pedagogia do Oprimido*, com a *Pedagogia da Esperança* e principalmente com a *Pedagogia da Autonomia*, além do encontro com Freire e Ira Shor, demarcou para mim outra compreensão de suas ideias e fortaleceu a ousadia de buscar em Paulo Freire a sustentação deste trabalho.

O desafio constituiu-se numa longa e permanente inquietação que foi sendo amadurecida aos poucos desde os primeiros diálogos com meu orientador, em que fui recuperando a memória das suas leituras e buscando outras referências. A partir da qualificação do projeto de tese, as contundentes inferências da banca potencializaram em mim uma espécie de ultrapassagem de fronteiras de um campo de ideias, de concepções teórico-metodológicas e, portanto, da própria percepção dos saberes, das experiências que o campo deflagrava e que outrora eu não conseguia perceber. Essa ultrapassagem tornou-me aprendiz de valores imprescindíveis: a humildade, entendida não como submissão, mas sim para a aceitação da ideia de que a verdade também pode estar com o(a) outro(a).

A obra de Freire não se apresenta acabada e nela não se encontram respostas definidas. Torna-se necessário percorrê-lo em suas várias leituras, articulando-as às nossas realidades, para que elas comecem a fazer sentido. A compreensão de sua obra não se encerra num sistema pedagógico ou filosófico. Ela é um projeto de vida, de sonhos e utopias: a defesa dos oprimidos. Pessoas que só se constroem numa relação com o(a) outro(a), desenvolvendo a capacidade humana de transformar realidades, reinventar-se na dialética da vida, numa dialogicidade que exige a presença do(a) outro(a), o(a) outro(a) que seja respeitado como o(a) outro(a) eu.

Retorno assim à sistematização e à teorização do caminho, rememoro transgressões teórico-metodológicas feitas e encontro, nas palavras de Fiori, uma corporificação para dizer a minha palavra:

O que eu sou? Tudo isso? Não! Sou um sincrético, isto é, alguém que emendou fragmento sem coerência, sem vida? Talvez um eclético, isto sim, no sentido de que há muitas presenças no meu pensamento e que eu procurei conversar com todos esses filósofos, que foram lidos meditados e discutidos, pedindo a cada um deles, apenas a palavra da verdade inabalável. E fui fazendo o meu pensamento, com certa coerência e com certa vida. Pelo menos, pretendi fazê-lo. (Fiori 1987, p. 34).

E com esse intento a pesquisa foi organizada em dois planos articulados: o teórico e o prático. O plano teórico se reduz mais especificamente ao campo da EJA, considerando aspectos históricos e atuais e as teorias e fundamentos referentes à categoria mediação.

O plano prático refere-se à mediação pedagógica realizada pelos(as) docentes participantes da pesquisa, buscando-se apreender em suas manifestações aspectos que constituem as mediações na prática docente em EJA.

Por fim, apresentam-se as considerações e as proposições decorrentes das análises realizadas. Concluir não significa encerrar, mas abrir outros caminhos, guiados pela indagação e impulsionados pelo desejo de conhecer e participar da construção de conhecimentos.